## GÊNEROS DO DISCURSO E DO ENSINO

Diana Luz Pessoa de Barros Universidade de São Paulo – USP Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM LEI – Laboratório de Estudos sobre a Intolerância

Para tratar do tema proposto, foram feitas algumas escolhas no quadro dos estudos do texto e do discurso. O texto organiza-se assim em duas partes: a primeira sobre a noção de gênero e sobre os cruzamentos de gêneros ou de outras variedades discursivas; a segunda sobre as relações entre gênero discursivo e ensino.

## 1 – A NOÇÃO DE GÊNERO.

Para tratar da noção de gênero, no âmbito dos estudos do discurso, recorremos aos estudos de Bakhtin e, sobretudo, à retomada desses estudos por Fiorin (*Introdução ao pensamento de Bakhtin* (2006) e estudo anterior sobre gêneros e tipos textuais (2005)).

Um gênero discursivo é, para esses autores, uma organização relativamente estável em três aspectos:

- na temática;
- na organização composicional;
- no estilo.

Assim, num *convite de casamento*, a temática ou a esfera de sentido é a do convite para um casamento; a forma composicional ou a estrutura do texto compreende o nome dos pais com sobrenome, no alto (à esquerda, os da noiva, à direita, os do noivo), como aqueles que convidam para o casamento, o nome dos noivos sem sobrenome, o local do casamento e da festa, papel branco, creme ou marfim, e assim por diante; o estilo, ou seja, os meios lingüísticos utilizados, é o objetivo-neutro, com informações precisas, e a utilização da norma culta formal.

Na descrição do gênero *convite de casamento*, já é possível perceber a razão do *relativamente* estável: mesmo num gênero bastante estereotipado, como é o convite de casamento, há hoje muita variação, mas dentro do permitido e possível para o reconhecimento do gênero. Há, assim, gêneros mais flexíveis (carta para amigos,

conversa de corredor), outros mais estereotipados (bula, documento de partilha de herança, receita de cozinha).

A variação do gênero acontece porque são os gêneros que relacionam linguagem e vida social. Em outras palavras, os gêneros são alterados em decorrência das mudanças sócio-históricas. Isso se explica pelo fato de os gêneros dizerem respeito à esfera das ações do homem na sociedade, em dado momento histórico, sejam elas atividades cotidianas, como as das relações de amizade, de família, de vizinhança, sejam elas atividades institucionais, como as escolares, religiosas, jurídicas, de trabalho, etc. As esferas de ação têm condições e finalidades específicas, como, por exemplo, as do trabalho, da igreja, da família, e assim por diante.

As diferentes esferas de atividade contêm, por sua vez, inúmeros gêneros. Na esfera de atividades religiosas podem ser encontrados, entre outros, os gêneros oração, sermão, exorcismo e outros.

As esferas de atividade variam no tempo e no espaço das diferentes sociedades e culturas. Dessas variações decorrem as alterações de gênero mencionadas. Houve mudanças na esfera de atividades de que faz parte o convite de casamento, que passou da esfera mais institucionalizada das relações comerciais para a das atividades cotidianas das relações familiares e de amizade. O casamento já não é mais anunciado na imprensa (como entre os nobres ingleses). Com isso, há hoje convites de casamento com organização menos rígida e com registro lingüístico mais informal: com a fotografia dos noivos e outras ilustrações, com o uso de papel colorido e de expressões mias coloquiais, entre outras inovações no gênero.

Assim entendidos, os gêneros cruzam-se de duas formas:

- misturam-se gêneros de uma mesma esfera de atividade devido à imprecisão das características e das fronteiras entre eles e por razões históricas e sociais, isto é, a sociedade, naquele momento, não mais necessita da separação de alguns gêneros ou mesmo pede a integração deles;
- misturam-se gêneros de esferas de atividades diferentes, em decorrência de mudanças históricas e sociais e/ou das necessidades de comunicação e de produção de sentido.

O primeiro caso pode ser exemplificado com a esfera de ação acadêmica, em que os gêneros *aula* e *conferência* se diferenciam cada vez menos – suas fronteiras

nunca foram claramente delimitadas e as reuniões científicas de hoje, menos formais, não precisam mais dessa distinção. Há, portanto, períodos e sociedades em que certas esferas de atividade se estabilizam e outros em que elas se alteram, ocasionando mudanças nos gêneros a elas associados.

O segundo tipo de cruzamento ocorre, por exemplo, nos editorais de revistas religiosas, tais como os que estão sendo estudados por Taís Pereira (mestranda da Universidade Presbiteriana Mackenzie). Nesses editoriais, misturam-se gêneros de esferas de atividade diferentes, a da mídia e a da igreja, devido a mudanças históricas e sociais (entre as quais colocam-se a disputa entre as novas igrejas cristãs e as tradicionais, e o desenvolvimento de novas tecnologias para a comunicação) e a necessidades de comunicação e de produção de sentido, tendo em vista a busca de novos fiéis. Na própria esfera de atividade da mídia podem ser encontradas diferenças entre o editorial de jornal e o de revista: do ponto de vista temático, se nos dois tipos de editoriais sanciona-se um acontecimento público, no editorial de jornal, essa sanção é, em geral, negativa e o acontecimento, sobretudo político; no de revista, a sanção é, com mais frequência, positiva e o acontecimento, social e artístico, e não necessariamente político; do ponto de vista composicional, os editoriais de revista são assinados e, às vezes, têm a fotografia do "autor", o que não acontece com os de jornal; do ponto de vista do estilo, os editoriais de jornal usam o estilo objetivo-neutro (com 3ª pessoa, etc.), e os de revista, muitas vezes o familiar, e até mesmo o íntimo (com 1ª pessoa). Os editoriais de revistas religiosas estão, conforme apontado acima, nas duas esferas de ação: na religiosa e na midiática. Disso resulta um editorial com características de gênero dos editoriais (de revistas, sobretudo) e dos sermões/pregações/exortações religiosos. As principais diferenças em relação aos editoriais de revista devem-se ao cruzamento das esferas de ação e dos gêneros. São elas, sobretudo, temáticas, pois embora os editoriais de revistas religiosas continuem a ser discursos de sanção de acontecimentos públicos, tratam também de milagres e da salvação, e de estilo, que nesses editoriais, é mais íntimo e exortativo, como ocorre comumente nos gêneros religiosos que, nesses textos, se cruzam com o gênero editorial, da esfera da mídia.

Outro exemplo de cruzamento de gêneros de esferas de ação diferentes pode ser encontrado entre as atividades estético-literárias e as midiáticas, como no *Poema tirado de uma notícia de jornal*, de Manuel Bandeira:

João Gostoso era carregador de feira-livre e morava no Morro da Babilônia num barracão sem número Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro Bebeu Cantou Dançou Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

No texto de Bandeira, misturam-se a esfera de atividade estético-literária e o gênero *poesia* - em que a temática é a das paixões humanas e da morte, a composição usa paralelismos e distribuição espacial próprios do poético, e o estilo emprega, entre outros, recursos da expressão- com a esfera de atividade da mídia e o gênero *notícia*, em que a temática é a da informação sobre um suicídio, a composição segue a ordenação cronológica da notícia e o estilo é objetivo-neutro.

A mudança de gênero acarreta mudança de sentido. Os sentidos de um texto dependem dessas "classificações". Por isso mesmo, os cruzamentos mencionados ocorrem por interesse e necessidade da interação e da comunicação. No poema de Bandeira verifica-se que:

- 1 o gênero *poesia* e a esfera de ação estético-literária têm a dominância,
  são o gênero e a esfera de atividade "de chegada";
- 2 o gênero notícia e a esfera de ação midiática produzem efeitos de sentido de informação objetiva, de realidade, de afastamento da enunciação, de neutralidade, de desumanização;
- 3 esses efeitos de sentido são contrários aos do gênero poesia e da esfera de ação estético-literária – subjetividade, passionalidade, aproximação da enunciação, envolvimento;
- 4 o poema constrói-se no entrechocar-se dos efeitos de sentido dos gêneros e esferas de ação que o constituem.

Os textos classificam-se, assim, tanto pela esfera de atividades – daí falar-se em texto religioso, político, etc. –, quanto pelo gênero – tais como o sermão, a oração, o manifesto, etc. --, e pelos cruzamentos de esferas de ação e de gêneros, de que resultam gêneros híbridos ou novos gêneros.

Há, entretanto, certas "estabilizações" discursivas que nos levam a classificar os textos e os discursos, sem que possamos falar de esfera de ação ou de gênero. Fiorin menciona "uma categoria mais geral de organizações dos textos" (2005),

o tipo textual: narrativo, descritivo, expositivo, opinativo, argumentativo, injuntivo. Os tipos textuais são usados, segundo o autor, como matrizes lingüísticas, por diferentes gêneros, e, quando dominantes em um gênero, fazem parte de sua estrutura composicional. Também é possível classificar os textos pelo estilo. Vamos, porém, tratar aqui de um outro tipo de "estabilização" classificatória, a temática. Quando falamos em discursos intolerantes, em discursos racistas, separatistas, sexistas ou puristas, não estamos tratando de esferas de atividades ou de gêneros, pois há discursos desses tipos em diferentes esferas de atividades (política, religiosa, familiar) ou de gêneros diversos (notícias, sermões, bate-papo, etc.). O que eles têm em comum não são, portanto, a esfera de ação ou o gênero, mas elementos do plano do conteúdo, elementos temáticos. Em estudos sobre os discursos intolerantes, pudemos apontar, por exemplo, dois grandes traços temáticos: são discursos de sanção negativa a sujeitos que não cumpriram certos contratos sociais (de branqueamento da sociedade, de pureza da língua, etc.) e que, dessa forma, devem ser sancionados negativamente (negros imundos, falantes ignorantes, judeus exploradores, árabes fanáticos, etc.) e punidos (com a prisão, a perda de emprego, a marginalização, a morte); são discursos fortemente passionais, das paixões de malquerença, próprias do preconceito (ódio, raiva, cólera), e das ações punitivas, que caracterizam a intolerância.

Esses discursos, com muitos outros, organizam-se em classes pela temática, mas não têm os elementos da estrutura composicional e do estilo que fariam deles um gênero em uma dada (ou em mais de uma) esfera de atividade. São outras variedades de discurso, que não são de gênero ou de esfera de ação.

## 2 - GÊNERO DISCURSIVO E ENSINO

Nos últimos tempos, em nosso país, tem sido acentuada a relação entre o ensino de leitura e de redação e os estudos dos gêneros discursivos. Não há dúvida de que é importante conhecer os gêneros, os efeitos de sentido que produzem, porque falamos e escrevemos por meio de gêneros. Explica-se e justifica-se então a relação que tem sido fortemente estabelecida entre gênero e escola, gênero e ensino. Há um grande risco, porém, no ensino dos gêneros na escola: o de tornar esse ensino normativo, isto é um ensino em que o gênero seja pensado como um conjunto de propriedades formais, fixas, imutáveis, a que é preciso obedecer. Em outras palavras, o perigo é que se

ensinem apenas procedimentos rígidos para a produção e a leitura de textos de um dado gênero. Com esse tipo de ensino, ignoram-se questões fundamentais sobre os gêneros e os discursos, quais sejam, entre outras, que o gênero não é um conjunto de propriedades formais separadas de uma esfera de ação, que há variações nas esferas de atividade e nos gêneros a elas relacionados no tempo e no espaço, que existem sociedades, esferas de ação e gêneros mais flexíveis e outros mais rígidos e codificados, que os gêneros e as esferas de ação se cruzam e produzem novos sentidos.

Em síntese, há uma relativa estabilidade no gênero, para que ele seja reconhecido como tal, mas há, também, variações dentro desses limites de reconhecimento do gênero, que não podem ser ignoradas. O ensino precisa dar conta das duas questões. E só pode fazer isso com teorias do texto e do discurso. Pertençam eles a uma mesma esfera de ação, ou, principalmente, a esferas de atividade diferentes, os gêneros cruzados apontam, claramente, a necessidade de se examinarem os efeitos de sentido que produzem nos discursos e seu papel na comunicação e na interação entre sujeitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKTHIN, Mikhail (1992). Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de (1995). Preconceito e separatismo no discurso: um discurso separatista gaúcho. *Organon* 23.
- : \_\_\_\_\_\_\_. (1990). Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. *Cruzeiro Semiótico*, 11/12: 60-63.
- CORTINA, Arnaldo, MARCHEZAN, Renata Coelho (org.) (2004). *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: Laboratório Editorial/FCL/UNESP. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora.
- DISCINI, Norma (2003). O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura. São Paulo: Contexto.
- FIORIN, José Luiz (2005). Generos e tipos textuais. In: MARI, Hugo, WALTY, Ivete e VERSIANI, Zélia (orgs). *Ensaios sobre leitura*. Belo Horizonte, Editora PUC-Minas, p. 101-107.
- \_\_\_\_\_ (2006). Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo, Ática.
- GREIMAS, Algirdas Julien (1970). Du sens. Paris, Éditions du Seuil.
- GREIMAS, A. J et COURTÉS, J. (1979). Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie de langage. Paris, Hachette.
- LANDOWSKI, Eric (1997). Présences de l'autre. Paris, PUF.
- LEITE, Marli Quadros. *Metalinguagem e discurso: a configuração do purismo brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 1999.